

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias : — Por anno 1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

NUMERO 135

o futuro

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA SOCIEDADE A CAUSA DA PATRIA

PUBLICA-SE AS SEXTAS FEIRAS

Advertencias

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do futuro, de D. Pedro S.º n.º 13. Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos ; e os responsabilidade devem vir reconhecidos.

2.º ANNO



Por não queremos uma escravidão com vestes de independência? Por não abraçarmos a religião dos philosophos e estadistas modernos, em vez da religião de nossos paes, a religião catholica?

Por não queremos contribuições que excedam nossas forças, funcionalismo publico que seja o sorvedouro immenso de todas as gotas de sangue que o povo destilla de suas veias á custa de grande trabalho?

Por não queremos admitir a soberania popular, poderoso elemento das revoluções que tem abalado a sociedade actual até os alicerces?

Por não queremos a duração, porque vos sentaes n'um throno cujos degraus são de cranios e ossos e a base de areia amassada com sangue d'irmãos?

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Por não queremos a duração, porque o povo fatigado de tantas experiencias, cansado de tantos enganos já vos dá as costas para se abraçarem aos principios da monarchia tradicional.

Ha poucos dias, um d'estes correspondentes especiaes (não direi de que folha, porque o homem pôde voltar logo a Espanha), dizia a um honrado amigo meu: «Andei por Catalunha e pelas Vascongadas, assim como pelo Aragão, e pelas Castellas. Passei dos carlistas aos republicanos, e d'estes aquelles, varias vezes. Os primeiros portam-se com muita ordem e disciplina, não ha roubos nem insultos, nem excessos. Passei e repassei d'elles aos outros e dos outros a elles, sem o unico incommodo ou emburço da parte d'elles (carlistas); nunca me abrim a mala, ou me registraram bagagem, ou me examinaram papeis. Estavam bem armados, e bem disciplinados, manobrando perfectamente, achavam-se, comtudo, mal vestidos, e com uniformes, ou antes fardamentos muito irregulares.»

Pelo contrario, as tropas do governo tinham melhor e regular todo o material, porém quanto ao resto, não tinha comparação com os carlistas; não havia disciplina, os soldados não tinham respeito algum aos officiaes, e estes nem se atreviam mesmo a reprehendel-os, ou a cohibil-os, e muito menos a castigal-os. Por exemplo, um soldado, vendo que eu levava comigo um casaco á prova-d'agua, ou impermeavel, deitou-lhe a mão, dizendo: «isto faz-me conta», e foi-o levando, sem dar atençaõ alguma ás minhas reclamações. Dirigi-me a um official a queixarme, e pedirme fizesse restituír o que era meu. A resposta que tive foi, que nada podia fazer, que não se atreviam a castigar ou restringir a solidades no estado em que se achava com a desordem actual das cousas.»

No mesmo citado telegramma, de Bayona, de 5, diz mais o Especial: «Os Guipuzcoanos em Saraul mostram signaes de insubordinação, pela severidade de Lizarraga em executar varios homens por causa de roubo. Houve em Saraul, onde se acham 250 carlistas estacionados, um motim á favor de Santa Cruz, e diz-se que Lizarraga fuzilára o capitão que se posera á testa dos amotinados. Durante o motim, uma companhia de republicanos, saindo de S. Sebastián, tomou e aprisionou um posto avançado carlista á quatro milhas (cousa de uma legoa) distante de Saraul.»

Durante tres dias tem havido contínuo tiroteio entre Lizarraga e Loma, nas alturas do caminho entre Tolosa e S. Sebastián. Não se vê resultado decisivo, mas desperdiçõ-se grande quantidade de munições, não chegando a 50 homens entre mortos e feridos. Num dia atiraram-se 3.000 tiros de repõe, sem haver morto ou ferido algum do parte a parte; ficando uns e outros em suas posições originaes.

Toda ideia de estender a campanha ao outro lado do Ebro parece abandonada pelos chefes carlistas como impraticavel com sua força e actual disciplina de suas tropas. Tem ainda muita falta de artilheria e cavallaria, mas de armas pequenas, novamente fabricadas em Euban e Placencia, tem abundancia, posto que muito imperfectas.

Cruzes e decorações estão-se distribuindo com abundancia aos realistas, e seu entusiasmo é intenso; não pôde negar-se porém o facto de que seus generaes são desituidos de arrojo, e que seu progresso é lento, mesmo nas provincias do norte. Os prospectos carlistas são de facto sombrios, e não ha que fiar nos reletorios de noticias de fonte official, tanto de um lado como do outro. Em Bayona publicam-se exagerações absurdas de ambas as partes.»

Até aqui os telegrammas do Especial do Standard, a cujas noticias se pôde dar algum credito e atençaõ; das que seguem, que são da Agencia Reuter, só vou copiar o que me parece ter alguns visos de verdade:

Barcelona, 3 de outubro. — Ao sair de Besalu, os carlistas commandados por D. Alfonso separaram-se em varios destacamentos, e se tornaram a reunir em Castellfolhit, onde se lhes veio reunir Dona Branca com 1500 homens das visinhanças de Berga.

Esta «Dona Branca», não é outra senão a nossa heroica Princeza a Senhora Dona Maria das Neves, que pessoalmente assim foi christmada, pela simples razão de serem brancas as Neves.

Barcelona, 4 de outubro. — Um cabo

de caçadores que dezertava para carlistas, e foi subsequentemente apanhado pelos republicanos, foi arcabuzado em Tarragona hontem. E' esta a primeira execução militar que ha tido lugar depois da proclamação da republica.

O noticiador faz bem em agregar o militar á execução; pois de outras execuções sem tanta cerimonia tem sido fertility a tal republica esfarrapada.

2000 carlistas commandados por Tristany e Cercos, foram batidos em Valls em uma tentativa de surpreender aquella praça. — D. João de Borbon chegou á Catalunha com Saballs.

Seguia-se aqui no Standard uma serie de batalhas ganhas pelos republicanos em varias partes, e perdidas pelos carlistas na Gazeta de Madrid, que faria bem de guardar estereotipadas estas victorias republicanas, e derrotas carlistas, de todos os dias, indo-lhe acrescentando sómente cada dia os novos nomes dos logares onde os inimigos são quotidianamente aniquillados.

O conde Orloff embaixador da Russia em Paris, chegou á Biarritz com a sua familia, e conta demorar-se alli um mez. Também alli chegou o embaixador turco, Daoudi-Baxá, com sua comitiva. O navio ligeiro inglez do governo, Lywell, vai ámanhã estacionar-se em Santander, ás ordens de Mr. Layard, o ministro inglez em Madrid.

Esta chegada recente de Layard á Madrid, radical e revolucionario como é o ministro, é mau signal para os interesses da boa causa. Todo o apoio moral (e provavelmente outro qualquer) que por conselho, e por baixo de mão, possam dar ao governo Castelar, Mr. Layard, estivo persuadido o dar em Madrid á revolução.

Assim como Sir Friderick Lamb e sua embaixada, e mais particularmente Mr. Villiers (Lord Clarendon, depois), sir H. Bullwer, etc. etc., promoveram, fomentaram, aconselharam, protegeram, de todos os modos a revolução christina, desde 1829; como Mr. Compton com Cavour, combinou, animou dirigi, aconselhou, por tanto tempo as usurpações italianas e a revolução de Italia, não se me daria de apostar, que Layard prestará quanto possa equaes officios á revolução actual hispanholica. Veremos.

Desde que Prometheu Stuart foi mandado buscar ao Brazil o sagrado fogo constitucional, á ingleza, o deitar á Europa n'aquella remota pontinha d'ella, Portugal, e que depois pegou, como se deزهava, por toda a parte, está elle, queimando quanto no continente havia de bom politicamente, e ameaçando perdela.

Se as nações do continente europeu, sobre tudo as da raça latina e as de outras raças, mas que tem a graça de ser catholicas, quizessem reflectir, e applicar um pouco de senso commum ás continuas declamações e inculcações inglezas, aconselhando a adopção de formas de governo como o d'este paiz, perguntariam a si mesmas: D'onde virá este grande empenho de nos inglezar? — As que fossem simples e pacovias, acreditariam, que tal insistencia ingleza provinha de uma philanthropia britanica tão exaltada, que deزهava tornar todas as nações europeas tão ricas, tão poderosas, tão influentes no mundo, como estas ilhas o estão sendo; por um complexo e conurso de circumstanças accidentaes ou providenciaes, insulares, locais, correlativas ás de outros paizes, e em que a preconizada constituição britanica — tal, como o superficialismo «Liberal» a concebe —, teve mui diminuta parte, se alguma teve.

E note-se, que o verdadeiro principio da grandeza d'este paiz, quanto isso tambem dependeu do seu governo, esse não o inculcava nem podia communicar a Inglaterra; que era, a posse de uma aristocracia illustissima, que foi quem elevou este paiz á imminencia. Comparem esse elemento de tanta illustração e poder com a macaquice tortulha de uma camara de dignos parvos (como lhes chamava o fallecido Francisco d'Alpim), e tirem-se as obvias consequencias: — A Inglaterra subiu á eminencia, Portugal desceu á insignificancia e á decadencia.

Esta «Dona Branca», não é outra senão a nossa heroica Princeza a Senhora Dona Maria das Neves, que pessoalmente assim foi christmada, pela simples razão de serem brancas as Neves.

Barcelona, 4 de outubro. — Um cabo

de caçadores que dezertava para carlistas, e foi subsequentemente apanhado pelos republicanos, foi arcabuzado em Tarragona hontem. E' esta a primeira execução militar que ha tido lugar depois da proclamação da republica.

O noticiador faz bem em agregar o militar á execução; pois de outras execuções sem tanta cerimonia tem sido fertility a tal republica esfarrapada.

2000 carlistas commandados por Tristany e Cercos, foram batidos em Valls em uma tentativa de surpreender aquella praça. — D. João de Borbon chegou á Catalunha com Saballs.

Seguia-se aqui no Standard uma serie de batalhas ganhas pelos republicanos em varias partes, e perdidas pelos carlistas na Gazeta de Madrid, que faria bem de guardar estereotipadas estas victorias republicanas, e derrotas carlistas, de todos os dias, indo-lhe acrescentando sómente cada dia os novos nomes dos logares onde os inimigos são quotidianamente aniquillados.

O conde Orloff embaixador da Russia em Paris, chegou á Biarritz com a sua familia, e conta demorar-se alli um mez. Também alli chegou o embaixador turco, Daoudi-Baxá, com sua comitiva. O navio ligeiro inglez do governo, Lywell, vai ámanhã estacionar-se em Santander, ás ordens de Mr. Layard, o ministro inglez em Madrid.

Esta chegada recente de Layard á Madrid, radical e revolucionario como é o ministro, é mau signal para os interesses da boa causa. Todo o apoio moral (e provavelmente outro qualquer) que por conselho, e por baixo de mão, possam dar ao governo Castelar, Mr. Layard, estivo persuadido o dar em Madrid á revolução.

Assim como Sir Friderick Lamb e sua embaixada, e mais particularmente Mr. Villiers (Lord Clarendon, depois), sir H. Bullwer, etc. etc., promoveram, fomentaram, aconselharam, protegeram, de todos os modos a revolução christina, desde 1829; como Mr. Compton com Cavour, combinou, animou dirigi, aconselhou, por tanto tempo as usurpações italianas e a revolução de Italia, não se me daria de apostar, que Layard prestará quanto possa equaes officios á revolução actual hispanholica. Veremos.

Desde que Prometheu Stuart foi mandado buscar ao Brazil o sagrado fogo constitucional, á ingleza, o deitar á Europa n'aquella remota pontinha d'ella, Portugal, e que depois pegou, como se deزهava, por toda a parte, está elle, queimando quanto no continente havia de bom politicamente, e ameaçando perdela.

Se as nações do continente europeu, sobre tudo as da raça latina e as de outras raças, mas que tem a graça de ser catholicas, quizessem reflectir, e applicar um pouco de senso commum ás continuas declamações e inculcações inglezas, aconselhando a adopção de formas de governo como o d'este paiz, perguntariam a si mesmas: D'onde virá este grande empenho de nos inglezar? — As que fossem simples e pacovias, acreditariam, que tal insistencia ingleza provinha de uma philanthropia britanica tão exaltada, que deزهava tornar todas as nações europeas tão ricas, tão poderosas, tão influentes no mundo, como estas ilhas o estão sendo; por um complexo e conurso de circumstanças accidentaes ou providenciaes, insulares, locais, correlativas ás de outros paizes, e em que a preconizada constituição britanica — tal, como o superficialismo «Liberal» a concebe —, teve mui diminuta parte, se alguma teve.

E note-se, que o verdadeiro principio da grandeza d'este paiz, quanto isso tambem dependeu do seu governo, esse não o inculcava nem podia communicar a Inglaterra; que era, a posse de uma aristocracia illustissima, que foi quem elevou este paiz á imminencia. Comparem esse elemento de tanta illustração e poder com a macaquice tortulha de uma camara de dignos parvos (como lhes chamava o fallecido Francisco d'Alpim), e tirem-se as obvias consequencias: — A Inglaterra subiu á eminencia, Portugal desceu á insignificancia e á decadencia.

Esta «Dona Branca», não é outra senão a nossa heroica Princeza a Senhora Dona Maria das Neves, que pessoalmente assim foi christmada, pela simples razão de serem brancas as Neves.

Barcelona, 4 de outubro. — Um cabo

o genio altiloquio para descrever physionomias superiores a todo o engenho da arte.

A real familia proscripta encerra em si virtudes tão extraordinarias, qualidades tão perigrinas que a mão do homem o mais habil jámais as poderá fielmente retratar.

Conseguiu este resultado um cavalheiro digno de todo o respeito não só pelo seu talento como pela sua lealdade politica.

Fallamos do smr. visconde de Juro-menha.

A sua correspondencia, publicada no jornal a «Nação», é tão bem escripta que produziu em nós o vivissimo desejo de pedir venia ao collega da imprensa e transcrevermol-a.

Eila:

Srs. Redactores e amigos

Agora que me acho socegado e no meu retiro, depois da minha perigrinação de lealdade, permiti que vos dirija duas palavras de consolação por me ver restituído á patria que tanto amo e que vive no vosso seio ás impressões agradaveis, que durante a minha ausencia recebi no centro de uma Augusta e Respeitavel Familia que nos fazia olvidar a patria, porque essa estava alli toda concentrada, como em essencia, pela virtude e sentimento nacionaes embora a não conheçam de perto; e que seria se a conhecessem!

Em primeiro lugar tenho a corrigir um erro que me dizem trouxe a imprensa, isto é que eu fora em commissão, o que muito me honraria, mas não é exacto. Vós sabeis muito bem que eu não faço politica activa; além dos defeitos proprios da minha individualidade, eu sei cumprir á risca o preceito de Horacio de tomar carga correspondente aos meus hombros; em consequencia não poderia ter tomado parte em um ajuntamento que aliás seria muito respeitavel.

A verdade é esta: eu tive a honra immerecida de receber um convite muito obrigado para Augusta (Viuva do Senhor D. Miguel para assistir ao casamento de sua Filha Sua Alteza Serenissima, hoje Imperial, a Senhora Infanta D. Maria Theresza com S. Alteza Imperial o Archiducal Carlos Irmão de S. Magestade Apostolica e Imperador d'Austria).

Tratei logo de romper todas as difficuldades, que se me antolhavam para pôr em pratica o que para mim ha tantos era um desejo; como cavalheiro, como legitimista constante e dedicado, só a impossibilidade absoluta, a impossibilidade physica seria uma desculpa; mas a providencia Divina permittiu que me podesse ainda alli arrastar no fim da vida, deusas á minha velhice, para poder aos pés d'aquella Augusta Senhora beijar-lhe a mão pela honra que me dispensava.

Alli tive o gosto de encontrar um antigo amigo o Exm.º Sr. Salvador Corrêa de Sá, irmão do meu antigo e respeitavel amigo o fallecido Sr. Visconde de Assis, que vinha de sitio opposto á Prussia prestar o seu preito de lealdade áquelle senhores; como regatos que disparatam de diferentes pontos convergiamos ao mesmo centro. Haviam-nos deixado moços, e encontramos-nos velhos apoz quarenta annos; velhos physicamente, mas não lealdade juvenis; se as pernas fraquejavam, aquella era rocha inabalavel, embora combatida por tantas vagas que tem acoutado a nossa querida e desditosa patria e a Europa!

Expressar-vos o sentimento agradável que experimentei ao avistar Aquelles Augustos Senhores será cousa difficultosa. Ninguém melhor que elles proprios pôdem julgar-se eu sou lisongeiro; tive já a honra de me dirigir por escripto á Mãe e ao Filho por mercê que me permitiam, e elle proprios pôdem avaliar a franqueza com que lhes escrevi; dignou-se Aquella Augusta Senhora de me ouvir em particular, e Ella pôde apreciar a respeitosa liberdade com que respondi a tudo.

Vós mesmos me fazeis o favor de acreditar que eu procuro que a minha lingua traduza a expressão da verdade, e assim estou certo que acreditareis que no que relatei, não ha nem uma virgula de mentira ou exaggeração.

A. R. Saraiva.

A Real Familia exilada

Raras vezes se encontra quem possua

Não somos um impossivel.

Desde que, em nossa patria, sopraram os ventos da revolução, e as instituições tradicionais de nossa monarchia foram profundamente feridas, não tem cessado de gritar aos vencidos, a voz do vencedor que diz: *jámais vos arqueréis do pó*.

Insensatos! Não se lembram que nas aras sagradas está escripto: Deus exalta humildes e abate os soberbos!

Impossivel?! Por que? Acaso é impossivel a paz na terra, a justiça nas leis, o direito nas instituições, a religião nos costumes?

Por ventura o reinado das trevas ha de ser tão longo que toque o ultimo dos annos, o derradeiro dos annos?

Talvez a maldade venha substituir a innocencia, o erro e a mentira a gosarem foros de verdade?

Impossivel? Por que? Por ventura as essas leis estão em contradicção com a razão humana e vão de encontro aos interesses da sociedade?

Acaso as nossas instituições politicas actuaes não estão baseadas nos eternos principios do christianismo?

Talvez os nossos dogmas, não sejam mesmos que fizeram por sete seculos a glória da nação portugueza?

Impossivel? Por que? Por não admitirmos uma liberdade que, finalmente, se traduz em licença? Por

Raras vezes a natureza reuniu uma familia de tanto merecimento; raras vezes se viu uma familia afinada em tom tão elevado pelo diáson da virtude, amabilidade e amor de uma patria que não conhecem, mas cujo sentimento lhe vem inoculado pelo Pai e firmado pela educação.

Não tenho pois expressões repetidas, com que vos revele a impressão agradável que experimentei quando tive a dita de me achar junto aquella respeitabilissima familia, capitaneada por aquella singularissima Matrona com razão activa de ter procreado e educado uma prole tão encantadora.

E' o joven Principe de um exterior o mais agradável; phesionomia peninsular, porte o mais nobre e sympathico; a inclinação de mancebo como a caça em que é dextrissimo e a equitação, junta a mais rória applicação aos seus estudos que cursa na Universidade de Inspruck, onde tem completado o seu segundo anno.

De sua respeitabilissima Mãe que mais poderei dizer do que ex fructibus ejus cognoscitis eam. Senhora de grande instrucção e admirável virtude, escolhida por Deus para verter mel na agrura da vida de seu honrado e proscripto marido, concentrou todos os seus esforços para lh'a adoptar, e na nobre tarefa de seus filhos, que apesar dos seus parcos meios pecuniarios, tem sabido levar ao esmero de perfeição religiosa e scientifica.

Fazendo menção de pedagogos seria em mim uma lacuna imperdoavel se omitisse uma illustre donzella que também já cobre camp a Exm.^a Sr.^a D. Maria da Assumpção de Saldanha irmã do Sr. Conde de Penamacor, que deixou as vaidades do mundo por Eposa de Christo no Sacré Coeur, e que foi mestra e companheira das nossas jovens Princezas que muito a amavam.

O acaso me leouu também junto á beira da sua sepultura no cemiterio do seu convento em Tours, que abrilhantou com as suas virtudes e onde gosa a fama de uma predestinada; são excessivos os elogios que allí se ouvem da bocca das religiosas suas companheiras.

Mas é tempo de terminar desejando aos mortos o eterno descanso e mil venturas aos vivos que com tanta saudade abandonei. Desculpa-se me alonguei mais do que cumpria, e abuzei peando o vosso jornal; mais de uma vez quiz recuar a penna mas empurrava-a o coração. Se julgardes que abusei e me excedi no correr da penna inutilisae; se porém tiverdes uma d'estas marés vazias que algumas vezes têm os jornaes, e quizerdes no vosso lançar este aranzel muito obrigareis o vosso amigo e correligionario

e resequida. E' impossivel que o corpo inanimado que ella cubria, não acordasse ao sentir aquella singela demonstração de amor filial, e a dedicação de lealdade de duas gerações que circumdavam a sua sepultura. Nós ajoelhamos e o sr. padre Grainha, em pé, disse as preces da Egreja. Nunca desejei tanto uma photographia; limitei-me a levantar parte do raminho que havia servido de hysope, que trouxe commigo como reliquia e memoria da enternecida scena filial de que acabára de ser testemunha.

Não saíamos de Heubach sem testemunhar o nosso agradecimento e respeito a Suas Altezas o sympathico Principe de Loewenstein, e á bondoso e amavel Princeza sua Eposa. Nem pôde esquecer aos Portuguezes o affavel trato dos Principes de Isembourg e amabilissima Princeza. E' o Principe de Loewenstein o modelo do Principe cavalheiro, e uma das mais firmes columnas do partido catholico da Allemanha, não menos amado dos protestantes de que se compõe em parte a população de Heubach que n'esta occasião festiva testemunharam o seu jubilo, como outr'ora o seu sentimento pela morte do Senhor D. Miguel. Sua Alteza dignou-se fallar commigo sobre os tristes acontecimentos d'esta epoca de descrença, e permitiu-me a honra de lhe offerter um pequeno folheto que escrevi quando se perpetrou o grande attentado de Roma.

Ficará também gravada com saudosa lembrança a affabilidade com que fomos tratados os Portuguezes, e com que nos honraram as amaveis senhoras que compunham a comitiva das Princezas e as que vieram de Vienna d'Austria. O mesmo temos a expressar relativamente ao Sr. Barão de Korf, e o sympathico Conde de Kasenbork que acompanha o nosso joven Principe.

Eão podemos omitir a despedida da nossa Princeza, nem a urbanidade com que fomos tratados pelo Archiduque seu Esposo. Fez-nos Sua Alteza a Senhora Infanta a honra de se despedir de nós, juntando a sua despedida ás mais lisongeiras expressões dizendo-nos que em toda a parte se consideraria sempre Portugueza. A sabida foi tocante pois além de affecto e saudade que inspirava aos seus, vimos deslizarem as lagrimas das faces de mais de um creado.

Em Broonbac estive junto á sepultura do nosso sempre chorado amigo Antonio Joaquim Gomes de Abreu. O tempo não me permittiu copiar a inscripção da campa onde é designado como amigo de D. Miguel I e pedagogos de seu filho. Como fallo d'este honrado varão não será ocioso dar aqui um especimen da educação que infiltrava no seu Augusto discipulo. Manifestara Este a um portuguez que se despedia, o desejo (que em todos é o mesmo) de o acompanhar a Portugal, ao que o mestre accudiu que era justo o seu desejo, mas que Elle se devia tornar digno pelas suas virtudes, e applicação aos seus estudos de grangear as sympthias dos outros Portuguezes que lá estavam.

O acaso me leouu também junto á beira da sua sepultura no cemiterio do seu convento em Tours, que abrilhantou com as suas virtudes e onde gosa a fama de uma predestinada; são excessivos os elogios que allí se ouvem da bocca das religiosas suas companheiras.

Mas é tempo de terminar desejando aos mortos o eterno descanso e mil venturas aos vivos que com tanta saudade abandonei. Desculpa-se me alonguei mais do que cumpria, e abuzei peando o vosso jornal; mais de uma vez quiz recuar a penna mas empurrava-a o coração. Se julgardes que abusei e me excedi no correr da penna inutilisae; se porém tiverdes uma d'estas marés vazias que algumas vezes têm os jornaes, e quizerdes no vosso lançar este aranzel muito obrigareis o vosso amigo e correligionario

Visconde de Juromenha.

Quinta do Ventoso — Aldéa Gallega da Merceana, 4 de Outubro de 1873.

A respeito do manifesto de Henrique V

Continúa a fallar-se muito n'um manifesto do conde de Chambord. Parece verosimil que Henrique V publique este documento dentro em breve «La Patrie» annuncia-o para 23 ou 30 do corrente ou para oito dias antes da reunião da Assembléa. O mesmo jornal accrescenta que elle será como um complemento e desenvolvimento de seu program-

ma politico e que allí o principe refulará d'uma vez para sempre todos os erros que as folhas radicaes propalam em França, ácerca de sua pessoa, de suas ideias, de suas disposições, e das conseqüencias politicas e sociaes de uma restauração monarchica.

A festa de S. Miguel no castello de Frohsdorf

A festa de S. Miguel foi, como de costume, celebrada este anno no castello de Frohsdorf.

O dia 29 de Sembro foi sempre para a familia de Chambord uma data de predileção.

A missa do anniversario foi dicta na capella.

Assistiam a ella o conde e a condessa de Chambord, bem como consideravel numero de pessoas chegadas de todos os pontos da França, e pertencentes não só ao mundo da politica e do fóro, mas também ao da industria e da agricultura.

A tarde, foi servido um grande jantar pelas 5 horas. Notavam-se entre os convivas o duque e a duqueza de Alençon, o principe e a princeza de Saxe-Coburgo-Gotha—ella da casa de Orleans—acompanhados da princeza Amelia, o conde de Bardi, os archiducos Francisco e Fernando d'Austria e a archiduqueza Alice.

Os principes da casa de Bourbon ausentes, e muitos deputados da direita mandaram pelo telegrapho suas felicitações.

A'cerca da carta do conde de Chambord ao visconde de Rhodez

A'cerca da carta do conde de Chambord ao visconde de Rhodez, que ha dias publicamos, exprime-se assim o «Journal de Pariz», o mais auctorisado orgão do partido orleanista, quando existiu este partido.

O chefe da casa de Bourbon exprime os sentimentos mais nobres e as ideias mais liberaes, debaixo d'essa forma viva que tão bem quadra ao espirito do nosso paiz. A carta do conde de Chambord não pôde tirar-se-lhe uma linha, uma ideia, uma syllaba.

Principe, vós respondestes aos homens que vos accusam de querer ser rei d'um partido, de querer opprimir as classes populares e as classes médias da nação, em proveito d'uma casta privilegiada, restabelecendo instituições d'outros tempos.

Respondestes aos que assustam o paiz, dizendo-lhes que vossa vinda seria o signal da intolerancia religiosa e de uma nova guerra em que a França poderia derramar a ultima gotta de seu sangue.

Se ainda ha obstaculos que vencer para a restauração d'esse throno, á sombra do qual se formou o povo francez e brilhou com tanto resplendor no mundo, e se tantas ruinas que reparar nos maream de lagrimas os olhos, a união que reina na casa de França e outros homens que anhelam por dar a paz a esta trabalhada sociedade illumina o horizonte com uma esperanza que tranquillisa o espirito.»

O «Français» escreveu o seguinte:

«Dizem-nos que a carta do conde de Chambord, que hontem publicamos produzindo excellente effeito entre os conservadores liberaes. N'esta carta particular, e relativa a um ponto especial, encontraram resposta a todas as questões que presentemente se agitam entre os diversos grupos parlamentares da maioria, e ás quaes era necessario dar uma solução determinada e satisfactoria.

Porém a energia do principe em repudiard as exaggerações e as loucuras que lhe attribuiu a má fé de certos adversarios, e ás quaes as imprudencias de alguns amigos pareceram, ás vezes, dar pretexto, é uma garantia do espirito de moderação e da larga base de conciliação com que saberá considerar as demais questões.

Estas são delicadas e graves; e a obscuridade ácerca d'ellas, proveitosa para nossos adversarios não pôde prolongar-se muito tempo sem inconveniente. Por isso confiamos em que depressa se dissipará com a precisão e talento que inspirou a carta do sr. conde de Chambord.»

A restauração da monarchia em França

Eis aqui o que diz a este respeito o «Jornal de Pariz»:

«Os ultimos obstaculos que se oppunham ainda ao restabelecimento da monarchia constitucional caem successivamente uns após outros e é facil de descobrir desde agora o instante em que a fórmula de governo que deu á França, n'este seculo agitado, quarenta annos de uma paz profunda, sairá d'um voto definitivo da assembleia nacional.

«Quando procuramos dar conta das objecções que pôde levantar ainda, em certas classes da nação uma solução tão desejada, ficamos surprehendidos da sua pou-

ca importancia, senão mesmo da sua friabilidade. Dirigi-vos a um membro d'uma burguezia da provincia tão numerosa, tão estimavel, tão influente ainda a certos respeito; escolhei-o se quizerdes, entre os partidarios do comicio leal e perguntae-lhe o que elle pensa do restabelecimento eventual da monarchia constitucional. Elle tem de cincoenta a sessenta annos.

«E' um homem da ordem: prestou o seu concurso a todos os governos de facto que se tem succedido no nosso paiz. Em ultimo caso, elle se alliou á republica conservadora,—depois de ter votado o plebiscito—porque elle julgava sobre a fé do sr. Thiers que a republica, ainda que não tivesse deixado atraz de si, no passado, senão ruinas e vestigios de sangue era a unica fórmula de governo que poderia convir a França.—Que objecção um homem politico assim dotado, pôde fazer ao restabelecimento da monarchia constitucional? Que terá elle a reprehender?

«Elle poderia responder-vos que o que nota na monarchia constitucional é precisamente o não estar estabelecida; porque a seus olhos o governo legitimo é aquelle que o está; mas elle gostará mais provavelmente de dar-vos outras razões. Darvos-ha, por exemplo, queijo suffragio universal, esta incomparavel instituição, é incompatible com o principio monarchico; que a monarchia constitucional restaurada não duraria seis mezes, ainda que o imperio tenha durado vinte annos, etc.

«Tudo são coizas! que se repetem em torno d'elle, mas de nem elle nem ninguém tem a exactidão.

«Se o forçardes a abandonar os logares communs que elle esgotou com a leitura dos jornaes do centro esquerdo para vos descobrir o fundo do seu pensamento, descobrireis logo que a opposição que elle fez ao restabelecimento da monarchia tem antes seu ponto de partida em certos prejuizos, certas antipathias, ou certas repugnancias sociaes, do que em convicções politicas bem fundadas.

«Além d'isso, acabará por dizer-vos, o restabelecimento da monarchia com o conde de Chambord é sempre o triunfo do clero e da nobreza.

«Não sabeis, vós os que viveis em Pariz, qual é a força invasora do clero, nem quanta arrogancia e pretensões tem conservado a nobreza da provincia.

«Desde que se trata d'uma restauração essa gente já não trata de occultar as suas esperanças, e considerem-se já como nossos senhores.

«Vede-os no salão da perfeitura, ou sub-prefeitura, elles affectam fazer uma sociedade á parte, reunem-se entre si n'um canto e julgariam deshonrar-se se se aproximassem de nós.

«Quando levardes o vosso interlocutor a sustentar-vos esta linguagem tereis a applicação da opposição que fazem ainda aqui e ali ao restabelecimento da monarchia, na burguezia da provincia, algumas individualidades espalhadas.

«Esta opposição não vae longe e não tem grande alcance. Quando não se tem outra objecção a fazer contra uma forma de governo se não dizer: «Os seus partidarios são bem ridiculos n'um salão» — não se é mesmo adversario bem encarniçado; porque em fim não faz opposição ao governo para se vingarem de ridiculos de sociedade. O que não quer dizer todavia que os que se accusam de patenrear estes ridiculos, não fariam melhor se d'elles se corrigissem, no interesse mesmo do partido que elles tem a protecção de servir.»

O Centenario do Pontificado do Papa S. Gregorio VII

1

Triste e summamente difficil é a actual condição do Papado e de toda a Egreja. Tudo quanto ha no mundo em talentos, força e meios poderosos, tudo está colligado para damnificá-la. A Allemanha combatte-a com leis tyrannicas; a Suissa assalta-a e opprime-a com violencia selvagem; a Austria traspassa-a o melhor que pôde com suas ordenações; e a Italia, forçando o Cabeça Supremo a fechar-se no Vaticano, tenta ferir-la no coração com novas leis de destruição. Em todas as partes da Europa a internacional, á maneira de uma alcaiteia de feras, dá urros terriveis, e arranhando contra ella os dentes ameaça exterminá-la. Por outro lado que pôde ella oppôr em defeza propria? Empobrecida nos seus Pastores, desolada nos seus eloustros, expulsa das escolas, ludibriada ou desprezada pelos governos, abandonada e desamparada por aquelles que cingem a espada, em sua defeza não lhe resta mais senão receber no peito, falto de toda a defeza humana, todos os golpes dos seus mais encarniçados inimigos. Deveremos por isso atemorizar-nos e tornarmos-nos preguiçosos na defeza, desesperar? Deixemos o terror para os pusillanimes: deixemos a

1 Da Civiltà Cattolica. Serm. VIII, vol. X, fasc. 55) p. 428 — 17 modo 1783. Traduc. do excellentes semanario religioso o «ECHO de ROMA».

esses a desesperação e o medo. O verdadeiro catholico não conta as phalanges de inimigos da Egreja, não teme os seus assaltos. Elle sabe que a causa que defende não é causa dos homens, mas sim de Deus; e sabe também que ella quando parece estar prestes a submergir-se, é quando surge co-rosa de victoria, e brilha com nova luz sobre as fileiras abatidas e dispersas dos seus inimigos. A solemniaidade centenaria do Pontificado do Papa S. Gregorio VII, que o mundo catholico ha pouco celebrou, é ao mesmo tempo argumento e conforto d'esta fé no triumpho. Porque se ao prezente arde uma guerra longa e encarniçada contra a Egreja, conduzida pelos mais poderosos do seculo, tal foi também a que teve que sustentar o Pontificado de S. Gregorio; se agora os assaltos mais rijos e mais ferozes são dirigidos contra o Cabeça Supremo da Egreja, para que ferido o Pastor, se disperse o rebanho, não de outra sorte aconteceu no tempo de Gregorio; se o fim que se propõem hoje em dia os inimigos da Egreja, é esquivá-la ao poder leigo, para aviltá-la, conculcá-la e destruí-la mais facilmente, segundo o seu desejo, este e não outro era o fim que se tinham proposto os inimigos da Egreja sob o Pontificado de S. Gregorio VII. Gregorio então surgiu, apregou em face dos poderosos a verdade, proclamou a justiça, combateu, morreu no desterro, mas venceu. Temos, graças a Deus, um Pontífice que nunca calou a verdade, que sempre patenteou ao mundo a justiça, que como valente sustentou e sustenta levantada a bandeira da causa de Deus: está fechado no Vaticano, mas da sua prisão moral, surgirá uma victoria igual á que despontou do desterro de Gregorio. Assim como o Pontificado de Gregorio se nos apresenta como memoria centenaria de uma grande lucta, como monumento de um grande triumpho, assim também o recordar os seus gloriosos feitos, sirva-nos para nos dar animo indomavel, confiança firme, e presagio certo de que tal será o de Pio IX.

II

Quando o grande Pontífice foi eleito em 1073, o inimigo tinha já feito uma larga ferida no corpo da Egreja, e tinha-se reforçado em toda a parte fazendo terrivel estrago. Os governos dos povos christãos, tendo nas mãos a eleição dos Bispos, dos Abades e dos outros Prelados, dispunham das dignidades mais sagradas da Egreja a seu bel prazer, e davam-nas por dinheiro. De modo que, vagando uma sé, na mesma côrte, calcando todas as leis canonicas, se abria o mercado, e elegia-se ou quem mais offercava ou quem mais valia por favores, ou quem se mostrava mais prompto aos serviços do príncipe. Homens de guerra, avarentos negociantes de beneficis ecclesiasticos, cortezaos aduladores e dissolutos, todos ignorantes das coisas da Egreja e dos deveres do cargo que assumiam, viam-se frequentes vezes elevados pela mão do rei aos cargos mais sublimes da Egreja. Reinava por esse tempo em França Philippe I, na Allemanha Henrique IV, ambos entregues ao vicio, dados á ferocidade, e necessitados continuamente de dinheiro para satisfazerem as suas paixões e as dos cortezaos em tudo similhantes a elles. De taes mãos recebiam seus pastores as egrejas particulares.

O mal da côrte tinha atacado as curias dos Bispos, que tendo-se tornado em amplo mercado de coizas santas, punham a preço as ordens sacras, as nomeações, os beneficis, as investiduras, e todo o mais. Os compradores com a esperanza também de fazerem bons lucros, affluíam em grande numero, e assim a simonia bem como ascorosa chaga ia consumindo o sacerdotio. A tanta maldade accrescia ainda a incontinencia, que livre de todo o freio da lei e da vergonha, levantava até sobre o altar sua nojenta cabeça. Principes e clero estavam ligados entre si por comunidade de interesses. Não se podia tocar em uns sem offender os outros. De modo que a purificação da Egreja não se podia levar a cabo sem affrontar a ambos juntamente, sem ir de encontro ás suas iras e aparrar o impeto das mais ardentes paixões. As quaes tendo por costume o seu desafogo como um direito, podiam valer-se em sua defeza da força e do dinheiro, da palavra e da espada, da auctoridade do throno e do altar. Escravidão e corrupção, um e outro mal sustentado por toda a especie de força, tal era o estado miseravel da Egreja n'aquelle tempo.

O Papa Gregorio, tendo servido diversos Papas, tinha já experimentado o formidavel poder de taes inimigos, e conhecido a fundo a difficuldade da empreza. Por isso abrindo confidencialmente o seu coração a Santo Ugo de Cluny, exclamava em uma carta: Oh! se eu pudera descobrir-te todas as chagas que me dilaceram, as tribulações que me alligem, e as angustias que me atormentam o coração! Uma dôr aguda e profunda tristeza opprimo-me o coração quando dirijo os meus olhos desconsolados para o occidente, o meio dia e o norte. Poucos Bispos me são apresentados que não tenham chegado ao sagrado ministerio da Egreja por vias

vtuosas, que vivam conformes com as leis
mônicas, que sejam pastores do povo por
riso da caridade e não antes por satis-
to da sua ambição e tyrannia: e entre
grandes do seculo e as soberbas aucto-
des da terra não vejo um só homem
anteponha a gloria de Deus á sua pro-
as razões eternas da justiça ao inte-
vil de um ganho caduco, a santidade
á politica perdidã e tenebrosa. E es-
com quem devo viver, romanos, lom-
normandos, são peiores que os pa-
que os turcos e os judeus. A tão
espectaculo o coração do Pontifice
retalhado sim, mas não abatido.
sando no remedio de tudo isto, apoiã-
to na omnipotente misericórdia do
ador, e a esta como a ancora de sal-
abandonava-se com segurança 2.

Fortaleza de Deus, sua unica
anância, arrostou ao mesmo tempo am-
os adversarios, armado só com dois
cretos do Concilio. O primeiro dizia:
re receber as sagradas ordens por di-
ro fique interdito de todas as funcões
das; quem alcançar algum beneficio
dos mesmos meios, perca-o; o padre
mubinario seja suspenso de todo o offi-
e serviço da Igreja. O segundo rezava:
Bispo, o Abbad e qualquer outro de
inferior, não seja reconhecido na sua
alidade, se a tiver recebido de mão lei-
e fique interdito de entrar na igreja,
quanto não abandonar o posto que por
as artes occupou. A esta mesma pena
o sujeito o imperador, duque, marquez,
de, ou outro poder ou pessoa do se-
lo que usar conferir a investidura de
ados ou outra dignidade ecclesiastica 3.

1. Com o primeiro d'estes decretos era
minada a simonia e a incontinencia, ou
rupção do Clero; com o segundo as in-
iduras leigas, ou a tyrannia dos prin-
es sobre a Igreja. Tendo-os feito pu-
par por todo o mundo, o Pontifice enca-
a terrível luta.

III

Para a França creou Gregorio seu lega-
a Hugo, Bispo de Die, com ordem de
enutar os referidos decretos. A escolha
pudia recair em melhor homem. Hugo
dotado de muito saber; illustre por
virtudes; e, o que mais importava,
animio inquebrantavel. Dando-se a
perer as igrejas de França, juntou syno-
em Anse, Clermont, Dijon, Autun, Poi-
Leão, e em outras muitas cidades.
os Bispos congregados fez canones
priados ás diversas terras, estabeleceu
mas para o Clero, citou os culpados,
chando-os reos os suspendeu sem de-
á medida da culpa. Não olhou á ele-
das sés que occupavam, nem á no-
de nascimento de que se gloriam.
ao poder e favor que gozavam na corte.
encidos de reos, a sentença caía sobre
sem remissão. Hugo era o homem de
gorio, e o integerrimo reformador da
ja em França. Quanto ao rei, ficou is-
a cargo do Pontifice. Primeiro escreveu
u respeito a Roelino, Bispo de Chalons
estes termos: «Entre os principes que
do n'estes dias a Igreja a preço a tor-
escrava, e pizam aos pés sua mãe, a
m devem obsequio e honra temos ou-
que Philippe, rei dos francos, occupa
primeiro logar, e que vista a oppressão
que tem as igrejas das Gallias, este
cto chega ao mais alto ponto. Pois bem,
nde-se elle d'isto como prometeu,
saiba que Nós não havemos de to-
tanta ruina da Igreja, e que estamos
ptos a reprimir a contumacia da sua
bediencia pela auctoridade dos Apo-
s. Pedro e S. Paulo, e então elle re-
ciará ao ignominioso mercado da here-
simoniaca, ou os francos fulminados de
thema geral se subtrahirão á sua obe-
cia 4». Mas Philippe faltando ás suas
messas, e tendo em nenhuma conta a
Pontificia, toda repessada de paternal
to, Gregorio escreveu outra a todos
Prelados francezes, em que depois de
ntar todos os graves delictos que o in-
commettia sem rebuço; depois de des-
ter com vivas côres tanta perversidade;
ois de lamentar a universal desolação
que tinha caido o reino, os incita a
dissimularem por mais tempo as cul-
do principe, e a admoestarem-no se-
mente e corrigiram-n'o sem receio 5.
antuario não é feito para os cobardes,
elle está endurecido no mal, Vós que
Nossos Vigarios intimae-lhe da parte
pens que sobre a sua cabeça está pen-
de uma espada que consume os reos
como estopa do campo 6).

Informou dos mesmos factos a Guilha-
VI, conde de Poitiers e duque de Aqui-
a, e no fim da carta dizia, que se ti-
e o poder dos imperadores de Roma
pto para o martyrisar, ninguem teria
as para obrigar a elle Papa a deixar
mes tantas e tão enormes iniquida-
as. Mas pela graça de Deus as dili-
as do seu legado, e a firmeza do Papa
eguiram o fim que dezejavam. A Igreja

de França começou a refloreecer de novas
virtudes.

Não foi porém tão submissa a Allema-
nha e a Lombardia, onde o mal estava
mais arreigado e era mais poderoso e mais
universal. Ao primeiro abalo conheceu-se
toda a sua força e se percebeu que os reos
se abalançariam a todos os excessos. Ten-
do chegado os Legados Pontificios á corte
do rei Henrique, foram bem recebidos, e
obtiveram muitas promessas, que todavia
não passaram de palavras. Porquanto feita
a proposta de juntar um synodo de Pre-
lados allemães, afim de publicarem os de-
cretos do Concilio Romano, suscitou-se
contra, sob fingidos pretextos, tão violenta
oposição, que não se chegou a concluir
nada. No entretanto tendo corrido por toda
a Allemanha a noticia da causa da vinda
dos Legados, e a noticia dos decretos que
o Papa com novas e instantes cartas in-
citava os Bispos a promulgarem e a exe-
cutarem, todos os Padres infeccionados de
simonia e incontinencia amotinaram-se. No
seu furor accusavam o Pontifice de insen-
sato e fanático, e apregoavam-n'o por he-
reje e supersticioso, e empregando em seu
favor essas theorias carnaes de que se ser-
vem os velhos catholicos, e especialmente o
Loyson, bradavam que estavam decididos
a renunciar antes ao sacerdocio que ás
nupcias. Sigifredo, arcebispo de Moguncia,
tendo chegado a ponto de promulgar os
decretos Pontificios da reforma em um syn-
odo celebrado em Erfurt, em 1074, foi
cruelmente ameaçado; e tendo-se tentado
de novo, um anno depois, em Moguncia
a sua publicação, teve na conta de grande
graça salvar a vida da ira dos reos frenet-
icos. A mesma sorte teve Almanno, zel-
ozissimo Bispo de Passavia.

Tendo noticia d'estes tristes factos, o
Papa S. Gregorio não desanimou. Escre-
veu cartas cheias de ardor aos Bispos da
Allemanha, Suspendeu das funcões sagra-
das Liemaro, Bispo de Brema; citou a
Roma Otão, Bispo de Constança, con-
demnou em um Synodo Romano de 1075
á pena de suspensão os Bispos de Stras-
burgo, de Spira, de Pavia e de Turim;
depoz o de Placencia e de Bamberg, ame-
açou com a excommunição cinco ministros
do rei Henrique, que o aconselhavam a
continuar o sacrilego mercado das coisas
da Igreja. Escreveu ao mesmo tempo duas
cartas ao mesmo rei, cheias de affecto pa-
ternal e bons conselhos; duas aos duques
de Suecia e Carincia, exhortando-os a da-
rem a mão á reforma, e a usarem do seu
poder quando não bastassem as palavras;
uma aos diocanos de Constança, e ou-
tra a todos os fiéis allemães ordenando-lhes
que não considerassem mais como Bispos
aquelles que faziam commercio sacrilego
do santuario, ou que por dinheiro n'elles se
tinham introduzido, ou que não procura-
vam ter pureza de costumes 7. A luta era
já rija e universal. O Pontifice tinha já lan-
çado o corte ás raizes, e não dava golpe
que não ferisse em cheio, quer o erro dos
simoniacos e dos devassos com a doutrina
com que reforçava as suas cartas, quer
o orgulho e a obstinação dos reos com a
pãna devida a que os condemnava.

A fortaleza de Gregorio devia porém
encontrar maior difficuldade. Urdu-se em
Roma uma terrível conjuração para o per-
der. Promotor de tão sacrilego e impio
attentado foi Guiberto, que depois foi anti-
papa, executor e prefeito Cencio, homem
de costumes ferozes e brutaes, participante
e auxiliador de rei Henrique, Roberto,
Guiscardo e outros excommungados, mon-
stros de simonia e devassidão. Na noite de
Natal de 1075, quando Gregorio celebrava
os sagrados mysterios em Santa Maria Maior,
os alguazils de Cencio penetraram na igreja
gritando e matando quantos encontravam.
assaltaram o Pontifice no altar, e ferindo-o
com espada na cabeça, arrastaram-no para
a torre do assasino seu senhor. Mas o
povo romano no seguinte dia enfurecido
assenhoreou-se da torre e livrou-o; e Gre-
gorio saindo de tanto perigo conheceu que
as palavras de submissão que Henrique
lhe escrevera pouco antes eram fingimento
de traidor, e com isto conheceu que a
luta já não era entre elle e os simonia-
cos, mas com a auctoridade e a força do
principe; todavia seu animo esforçado não
recuou 8.

(Continúa)

**Carta de Nicolau Simplicio
a seu tio.**

Bemdito seja o Senhor!
Tenho novas de meu tio!
Não me perdeu o amor!
Na sua carta me fio,
Pois é pra mim um penhor.

Li-a com grande alegria;
Pois pensei que o bom parente
Esquecido já havia
A mim e á minha gente
N'esta montanha tão fria,

Mas é bella — é productiva
Como as melhores que o são.
É aqui robusta, altiva,
Viçosa a vegetação;
E pinga!... superlativa.

seu sobrinho muito amigo
Nicolau Simplicio.

Noticias de Roma.

As grandes aclamações que se dizem
feitas em Vienna não causam a menor admira-
ção; já todos sabiam que uma turba de

Com ella provarei lá
Que n'isto não digo mal:
Não pôde ser isto já,
Mas pra perto do natal
Eu lh'o mandarei de cá.

Irá pois cá do meu vinho,
Castanhas, uvas, nação
E sequeiro arranjadinho
Das pequenas pela mão:
— Ha-de dar o cavaquinho...

Não sabe que estou curado?
Pois estou, por don dos Ceos:
Tenho os filhos educado
No santo temor de Deus
E do progresso afastado.

Robustos e fortes são:
As filhas d'habilidade;
Fiam de noute ao serão
E não tem necessidade
De trazer cuia ou balão.

Tem uma cabeça só
E não como ahí duas,
Levantando immenso pó
Quando passeiam nas ruas
De cabelleira e chinó.

Emfim, são moças d'aldeia
De fé e costumes puros:
Arranjam a sua teia,
Com que me tiram d'apuros
Sem pedir á bolsa alheia.

Muito me tem referido
D'Italia, França e Hispanha!
N'esta aldeola metido,
Vivendo n'esta montanha,
Pouco sei e pouco ouvido.

Queira-me pois desculpar
Se fallo do Dictador.
Do poeta Castellar,
De meia Hispanha senhor.
E que não tarda a abalar.

Castellar, (que é mação).
Diz aqui um visionario,
Ser o grande carnegão
Do tumor revolucionario,
Que mat' a libera-nação.

Veja lá com que horror
Fallou da pena de morte!
Agora, que é senhor
Mudou de rumo e norte
— Perdeu aos homens o amor!...

É certo que o liberasta
Quer matar interinamente:
Vê na patria uma madrastra,
Escravos na hispana-gente,
O seu idolo na pasta.

Mas diz que para o porvir
(Creio que isto é manha
Pra o deixarem destruir
E roubar a pobre Hispanha)
Ha-de de novo abolir

Não acha um entre mil
Liberal justo e humano;
Com o descaro mais vil
Uzam, em nosso damno,
Liberdade de funil.

É certo que o Dictador
É politico profundo;
Pois com incrível valor
Derrotou-me no fundo
O Rei d'Hispanha e Senhor.

Poz na imprensa uma mordaçã
Escravendo a lei das rollas;
E, só com esta chalaça,
Obteve já nas folhas
De victorias grande maça.

São fazeis estas victorias
Alcançadas no papel;
E só por estas tramoiã
Podem adoçar o fel
Que sentem por outras glorias.

É um portento emfim
Este nobre Castellar!
Se vae n'este andar assim
Póde o mundo conquistar
Vestido de arlequim.

Aos dous figuras coroados,
Meu tio, não tenha medo:
Já andam desnordeados,
E verá que tarde ou cedo
Hão-de ser anniquillados.

Termino por constipado;
Vou tomar um chá de tília.
Faça-me recommendado
A's primas e mais á tia;
Pois lhe é affeioado

seu sobrinho muito amigo
Nicolau Simplicio.

Noticias de Roma.

As grandes aclamações que se dizem
feitas em Vienna não causam a menor admira-
ção; já todos sabiam que uma turba de

italianos tinha sido mandada para ali com tal
fim, e os mesmos jornaes liberaes não se pe-
jam de asseverar que o numero dos italianos
mandados a Vienna á custa do governo
italiano é superior a 50 mil. Para calcular
a exageração das noticias que o telegrapho
expede da capital austriaca basta dizer-vos
que o primeiro telegramma da chegada do
rei nos dava a grande novidade de que Sua
Majestade tinha um bello aspecto!!! Na
verdade esta noticia é d'uma importancia
extraordinaria! Alguem se divertiu a com-
mentar esta noticia, dizendo que em Vi-
na se fazia tal ideia da fealdade prover-
bial de Victor Manuel, que ao verem-no
o acharam bello por não ser tã feio como
o imaginavam. Na verdade só assim se
póde comprehender a noticia do bello as-
pecto.

A proposito de telegrammas dir-vos-hei
uma singularissima. Os jornaes publicaram
um despacho em que diversas palavras
eram substituidas por pontinhos, e inter-
rogada a Direcção sobre este enigma res-
pondeu que a direcção dos telegraphos da
monarchia austro-hungarica tinha telegra-
phado palavras indecifraes. A resposta é
graciosissima! Um telegramma mandado
pelo primeiro ministro italiano ao Sindico
de Roma expede-se com palavras indeci-
fraveis?! O que não succede com as agen-
cias de noticias dá-se com a direcção im-
perial?! A resposta não satisfiz ninguem,
e os italianissimos não occultaram o seu
azedume pela maneira com que de Vienna
se expediu um telegramma official da Pre-
sidente do conselho de ministros ao sindi-
co da capital. A coisa realmente não é
clara. Sem duvida que Andrassy não sof-
fria outro tanto se de Roma expedis-
se um despacho ao Burgo-mestre de Vienna.
Ha sempre um não sei que de sinistro que
apparece em todas as alegrias d'estes po-
bres italianissimos.

Notareis que em todas aquellas festas
não tem apparecido ainda a imperatriz, a
qual se conserva longe do bulicio official
sob pretexto de indisposição. São as cos-
tumadas indisposições que todo o mundo
bem comprehende. Mas não é só a ausen-
cia da imperatriz que se faz notar: por
informações particulares de pessoas com-
petentissimas sabe-se que faltaram alguns
membros importantes do corpo diplomatico
nas recepções officiaes, e que a classe aris-
toocratica tem conservado uma conducta de
manifesta antipathia pelo real visitante.
Além d'isto o telegrapho annuncia-nos que
o governo havia prohibido o officio fune-
bre que a celebre confraria de S. Miguel
destinava celebrar no dia de hontem, anni-
versario do assalto de Roma, mas cartas
particulares dizem que os annuncios para
a solemnidade estavam affixados pelas ruas
de Vienna, e a noticia austriaca bem longe
de arrancar-lhe, corria pelo contrario a
proibir as manifestações que os italianis-
simos de Trieste pretendiam fazer na oc-
casião da passagem de Victor Manuel na-
quella cidade.

Estalfem-se os tagarellas revoluconarios
a convencer-nos dos triunfos colhidos
na Austria pelo seu dignissimo chefe; os
factos não se podem negar, e elles dizem
toda a verdade.

A mais notavel de todas as festas a
que assistiu o rei foi sem duvida o baile
que teve logar no theatro depois do jantar
de gala. Parece que Francisco José depois
de ter chamado irmão e amigo a Victor
Manuel, lhe quiz indirectamente dizer o
que significavam todas aquellas demonst-
rações de sympathia. O baile a que o con-
duziu o seu hospede illustre chamava-se
Fantasia. O Imperador d'Austria não po-
dia explicar melhor ao monarcha revolu-
conario a significação do seu brinde, e de
todo o seu procedimento. Fantasia, tudo
fantasia!!! Pobre Victor Manuel!... po-
bres italianos! tantas glorias, tantos tri-
unfos, tantas alegrias, tudo fantastico: fan-
tasia, fantasia e nada mais.

Retirando-se ao palacio de Schönbrunn
por aquellas altas horas da noite, depois de
tantos jubilos d'aquelle dia uma só voz
resoava aos seus ouvidos — Fantasia!!!
Tantas festas, tantas glorias tinham ter-
minado com uma esplendida fantasia!!!
Fantasia, fantasia, tudo fantasia!!!

Só uma realidade ficava, e n'ella po-
deria o pobre rei meditar no silencio da
noite.

Alli n'aquelle palacio em que pare-
ce que mui de proposito lhe deram apo-
ente foi que Napoleão I a 17 de maio
de 1809 assignou o decreto que abolia o
poder temporal dos Papas; d'alli saíram
as ordens para o assalto do Quirinal e para
a prisão de Pio VII; alli se assignou o tra-
ctado pelo qual o imperador Francisco I foi
obrigado a abandonar Vienna; alli foi o sitio
onde a estrella de Napoleão mais se mos-
trou refulgente, e onde a sua gloria tocou
o apogeo! Mas quanto tempo duraram as
alegrias n'aquelle palacio? Pouco tempo
depois Napoleão cae de desgraça em des-
graça e vae acabar em S. Helena; Maria
Luiza com seu filho o rei de Roma refugia-
se n'aquelle mesmo palacio onde Buonapar-
te assignou o sacrilego decreto; alli se fes-
tejou a restauração do governo pontificio;
alli morreu infeliz e ignorado o famoso rei
de Roma na mesma camara onde seu pae
assignara o impio decreto, alli entraram

de novo os legitimos senhores, que Na-
poleão havia desthronado; e finalmente
reunite-se o Congresso de Vienna, e d'aquel-
la mesma cidade, d'onde partiram as or-
dens de espoliação do Papa, saíram as dis-
posições que o reintegraram na posse de
todos os seus dominios!

Eis o que Victor Manuel devia medi-
tar, eis o que não é fantasia.
(Da União Cath.)

Noticias de Hispanha.

D'uma carta de Madrid extractamos o
seguinte:

Outro feito d'armas importantissimo te-
ve logar recentemente na Catalunha e no
qual os heroicos defensores da legitimida-
de se coroaram como sempre de gloria.

A importante povoação de Valls de mais
de 13:000 habitantes viu-se surpreendida
na noite do 1.º do corrente por forças
carlistas pertencentes ás divisões que com-
mandam Tristany e Miret. Os voluntarios
da liberdade tomados d'espanto refugiaram-
se na igreja e alguns outros pontos da
povoação e entretanto as forças reaes fi-
zeram arrecadação de dinheiro bastante con-
sideravel, recolheram armas, cavallos e pe-
trechos de guerra e retiraram-se ordenada-
mente ao mesmo tempo que o batalhão fi-
xo de Ceuta com alguma força da guarda
civil e voluntarios republicanos entrava em
Valls.

A Gaceta do governo falla em mortos
e feridos dos carlistas dentro da povoação
e de 62 prisioneiros; mas esta noticia é
totalmente falsa, como todas as mais d'a-
quella folha, pois vi cartas affirmando que
os carlistas se retiram em boa ordem de-
pois de realisado o seu proposito e que os
prisioneiros feitos pelas tropas foram
pacificos moradores de Valls, que suppos-
eram conniventes com as forças reaes para
lhes facilitar a entrada na povoação.

Os liberaes são sempre os mesmos.

O movimento de Valencia e do Maes-
trazgo cresce como a espuma. Já não são
6 nem 7:000 homens os que ha em ar-
mas n'aquellas comarcas; passam de 10
mil segundo os calculos menos exagera-
dos e comprehende-se que deve ser assim
pois não tem forças do exercito que os
molestem com a que poderão completar
em breve a sua organização e equipam-
ento debaixo da direcção de chefes tão
experimentados como Santes, Vallés Cu-
cala e Segarra.

Na provincia de Alicante ha aproxima-
damente 2 mil carlistas e está-se verifi-
cando em grandes proporções o levanta-
mento nas de Murcia e Albacete.

O bravo e sympathico brigadeiro Sa-
batiego opera na Mancha e Estremadura
á frente de 400 infantes e alguns caval-
los. Percorrem além d'isso estas provin-
cias outras quatro ou cinco columnas vo-
lantes, que servirão de nucleo á formação de
outros tantos batalhões.

Em uma palavra, o levantamento vae
se tornando geral em todas as provincias
d'Hispanha e estendendo-se a muitas do
centro e dentro de pouco tempo os ty-
rannetes que se chamam governo terão
por limite da sua denominação o limite
da provincia de Madrid.

Confirma-se que pelo lado de Leque-
tio (Biscaya) desembarcam ha dias 15 a
16 mil armas e 8 peças para o exercito
carlista. Nos centros officiaes não se des-
mente a entrada de 90 mil cartuchos.

A este consideravel reforço d'armamem-
to ha que acrescentar as muitas armas
que diariamente se fazem nas magnificas
fabricas de Eibar e Placencia, que traba-
ham sem descanso para os valentes de-
fensores da religião e do throno.

Do Unívर्स: «Os carlistas batem-se
mais do que escrevem, as informações da
agencia Havas não inspiram confiança al-
guma, e minguanvam-nos quasi de todo
as noticias hespanholas quando o Standard
nos trouxe o interessante telegramma se-
guinte:

«Estella, 1 d'outubro.—As forças car-
listas concentradas em derredor de Tolo-
sa com o fim de a bombardear, retiravam-
se por ordem do rei sem haverem dispa-
rado um tiro de canhão.

Este movimento retrogrado executado
em perfeita ordem, deu logar a que os
republicanos o apresentassem como uma
verdadeira victória; mas a verdade é que
os carlistas que só tinham seis canhões,
sofriam falta de espingardas e munições.

Cumpra dizer tambem que Moriones, á
frente de 9:000 homens, saíra de Victo-
ria para os atacar pela retaguarda. Reti-
rando-se evitaram elles d'este modo cair
no laço.

Lizarraga que os commandava foi pro-
tector com sua columna as fabricas de Eibar
e Placencia.

O contingente de Biscaya dirigiu-se ao
quartel de D. Carlos, em Verga; e Ollo
á frente de 4 mil infantes navarros, d'um
esquadrão de cavallaria e 4 peças de mon-
tanha marchou para Estella onde está
em circumstancias de repellar os ataques
inimigos n'esta parte do paiz.

Quatro batalhões de carlistas que se
conservavam nas cercanias de Tolosa mos-
traram que a cidade póde ser outra vez blo-
queada.

Lib. II, ep. 49.
Lib. I, X, p. 315, 344.
Lib. ep. 35.
Lib. 2, ep. 2.
Id., ep. 18.

1 Lib. II, ep. 28, 30, 31, 45 e 54. Lib. II, ep. 35, pag. 344.
2 Acta et vita S. Greg. VII, 25 maii.

As grandes aclamações que se dizem feitas em Vienna não causam a menor admiração; já todos sabiam que uma turba de

O general Loma tentou uma sortida com 2500 republicanos, mas Ollo mandou reforços e elle foi rechaçado.

Vosso correspondente chegou aqui depois de tres dias de marcha forçada em companhia d'Ollo.

Os carlistas foram recebidos em todo o caminho com grande enthusiasmo.

Sabado ultimo os republicanos, commandados por Primo de Rivera, avançaram de Tafalla para atacar Estella, mas sem poderem effectuar seu proposito, por haver obstado a isso a columna d'Ollo.

No encontro que houve por essa occasião, a attitude dos carlistas foi digna de tropas mais experimentadas. A artilheria dos republicanos disparou 57 vezes, e os carlistas que sustentaram seu fogo a pé firme tiveram 6 feridos.

Os carlistas dispararam tres obuzes de pequeno alcance. Os republicanos retiraram-se na occasião em que os carlistas se preparavam para carregar sobre elles.

Os republicanos devem estar muito desmoralizados, porque seus officiaes e soldados se passam constantemente para nós em pequenos grupos.

Quatro Hussards, montados e equipados chegaram na ultima noite a Estella a fim de se juntarem ao exercito real.

Os macedos da reserva chegam egualmente de todas as partes mesmo de Madrid.

Succede ás vezes que os desertores republicanos querem voltar para o exercito. Hontem foram preses um officia e um sargento d'astes, e Rosas, um chefe de partida, thes deu a morte, mandando os lançar do alto d'um precipicio.

Moriones operou a sua junção em Tafalla com Primo de Rivera.

Em imminente batalha sería a não ser que os carlistas, cuja politica consiste em evitar grandes combates, retrocedem ou se separem.

Moriones mostrou a resolução de tomar Estella a todo o transo e de a reduzir a cinzas.

Lizarraga está presentemente em Azizu com 6 batalhões.

Em Libar está-se organisando um batalhão mais.

Loma está ainda em Tolosa. Suas tropas estão bem dispostas.

Lizarraga mandou fazer quatro carlistas por haverem commetido exações, e se terem apresentado com armas no seu districto, apesar da prohibição que em tal sentido lhes fora feita.

D. Carlos partio de Vergara para Durango, acompanhado de Elio, de Dorregaray, de Valdespina, de cerca de oitenta officiaes de estado maior e tres batalhões da provincia de Bascara.

D. João, seu pae, voltou para França. Saballs fallou com D. Carlos e disse-lhe que sem socorros pecuniarios lhe era impossivel conservar suas tropas. Saballs tem ás suas ordens 15 mil homens, agueridos e bem disciplinados, e podia facilmente duplicar este numero, se lhe não faltassem armas e dinheiro.

Os aragonezes, os catalães, e os valencianos formam corpos separados que são organisados perto d'Estella. Ha aqui o projecto de fazer-se com elles uma expedição ao Aragão ás ordens do general Ceballos, e pôr-se em armas aquella provincia.

Valencia: As facções entraram em Torremozanos, onde queimaram o registro civil.

A meia noite saíram em direcção a Rebelun, onde entraram, depois de curta resistencia. D'aqui dirigiram-se a Sella onde tambem entraram, e em todos estes povos tem feito recrutamento.

As noticias do Maestrazgo dizem que Cucala, Segaris e Barão de Benicamis estão entre Benicarló, Uldecona e Aleala, com uns tres mil homens. Em Vinaroz tem-se tomado algumas precauções e ha bastante receio temendo um ataque dos carlistas.

Vallés com 2000 homens estava no dia 4 em Prat de Compte.

No dia 7 apresentou-se a uma hora da villa de Ayora uma pequena facção de uns cem homens.

D'aquella villa e de Almansa devem ter saído forças em sua perseguição.

A maior parte das auctoridades das provincias de Valencia e de Castellon se refugiam em Valencia, para fugir aos carlistas.

O juiz de primeira instancia de Castellon participa que 200 infantes carlistas e 12 cavallos, commandados por Calvo, entraram no dia 9 em Olmos, onde queimaram os livros do registro civil e os boletins officiaes.

Diz El Tiempo:

No conselho celebrado antes de hontem na presidencia, segundo os amigos mais intimos do governo, fallando-se de alguns telegrammas recebidos do Norte, que nos não foram communicados, e tomaram-se importantes medidas para prover aquelle exercito de quanto é indispensavel, para conter os carlistas.

SECÇÃO NOTICIOSA

Suffragio. — Associando-nos de coração e alma ao convite que um muito res-

peitavel cavalheiro nos enviára para publicarmos, aqui o damos chamando para elle a attenção de todos os amigos do ex.mº sr. Manoel de Magalhães.

El-o: No proximo sabbado, 18 do corrente, se ha de celebrar, ás 11 horas da manhã, na capella do Hospital, d'esta cidade, uma missa pela alma do ex.mº Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel. Convidam-se para assistir a este acto religioso as pessoas, que presando-se da amizade, que consagravam ao illustre finado, se dignem prestar este merecido tributo á sua memoria.

Outro. — No dia 21 do corrente a Commission da Mocidade Legitimista e a Redacção d'este jornal tencionam sufragar com uma Missa a alma do ex.mº sr. Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel na egreja dos Congregados pelas 9 horas da manhã.

Pede-se a todos que tributavam amizade e respeito ao illustre finado que se dignem assistir a este acto religioso.

Um dialogo a respeito da restauração da monarchia franceza.

De uma carta de Marsella de 23 de setembro, transcrevemos o seguinte:

Está actualmente em Marsella um deputado dos vermelhos, e dos mais vermelhos. Em um circulo politico composto de republicanos, perguntaram-lhe: 'Como deixaste Paris? Voltará para a monarchia?' A isto respondeu aquelle deputado: 'Por mais que façam os snrs. Thiers e Gambetta, por mais que os nossos periodicos protestem, estamos perdidos.'

Effectivamente, os deputados mais notáveis da maioria fazem os seus calculos. Ha já quatrocentos votos não duvidosos seguros para a monarchia, e espera-se que as ultimas negociações e o ultimo manifesto do rei aleancaram uma maioria ainda mais consideravel.

Os principes d'Orleans trabalham activamente com este fim. Algumas notabilidades do centro direito queriam ainda oppor algumas difficuldades, mas o problema não tem mais que dois termos: monarchia ou anarchia.

Os mesmos bonapartistas começam a separar-se. O sr. Rouher quer continuar com a maioria, e por isso os periodicos radicacs attacam-no violentamente como ingrato e traidor ao imperio.

No dia 29 de setembro, anniversario de Henrique V, os periodicos monarchicos dos departamentos publicaram uma declaração felicitando os principes de Orleans, pela sua união com o rei, e convidando todos os periodicos conservadores e todos os homens de ordem a seguir este exemplo. Este documento tem em assignaturas:

Como será restaurado por Henrique V o poder temporal dos Papas? — A 'Union', jornal legitimista francez, publica no seu numero de 4 do corrente um bellissimo artigo que pela sua extensão não podemos transcrever integralmente.

D'elle damos aos leitores o ultimo paragraho que é bello, e em extremo verdadeiro:

«Que grande erro não é crer que seja necessario lançar fogo á Europa para obrigar os invasores da Cidade Eterna a prepararem as suas bagagens! Os piemontezes, quando sairem de Roma, poderão deixar commetter crimes como por despedida, mas não haverá soldado que dispare um só tiro. Os piemontezes retirarão sob o pezo da aversão dos catholicos da Italia, sob o pezo do julgamento de todo o povo christão; retirar-se-hão diante do abysmo sempre mais profundo do deficit e diante da impossibilidade absoluta de confinemente. Quando Henrique V estiver onde deve, não carecerá de fazer uma expedição a Roma para cumprir os seus deveres de filho primogenito da Igreja; a immensa impressão de ordem que se seguir a este acontecimento, será um golpe dado a todas as causas injustas; dará força ao direito em toda a parte, irá ferir a usurpação de todos os véos em que se envolve. Quanto a justiça se assentar no throno de França, far-se-ha bem sentir no resto do mundo.»

As Grandes Invenções. — Recebemos a 4.ª cadernetta das Grandes Invenções, por Luiz Figuier.

Fallando das lunetas ou oculos de ver ao longe, este grande naturalista mostra a origem, aperfeiçoamento e applicação pratica da luneta astronomica, do oculo terrestre, do oculo de theatro ou binoculo.

Os tractados sobre o Telescopio, o Microscopio, o Barometro, são bem escriptos e justificam de sobre o merito da obra como o seu titulo.

E uma das publicações que, pelo lado nacional honram muito o sr. Ernesto Chardron, como pelo seu merito scientifico grangeiam um nome immortál a Luiz Figuier.

Almanach da Livraria Internacional. — Agradecemos á esta escolhida e sortidissima livraria o Almanach para 1874. São colaboradores homens distinctos pela seu saber e merito litterario taes como D. Antonio da Costa, Canillo, Thomaz Ribeiro, Castilho, etc., etc.

Diccionario d'educação e ensino. — Sairam as cadernetas 37 e 38 d'es-

te bom diccionario. Traz artigos importantissimos. Vae já na letra P.

Festividade. — No domingo proximo tem de celebrar-se na egreja do Collegio, a festa dos 40 Martyres da Companhia de Jesus, que padeceram a morte por Christo ás mãos dos calvinistas nas aguas das Ilhas Canarias em 1570. O principal e director de todos era o B. Ignacio d'Azevedo, representante das casas de Azevedo e Barbosas, a que renunciou para entrar na Companhia; acompanhou o Ven. Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, na visita pelas serras de Barrozo, e foi o 1.º reitor d'este Collegio de Braga. 31 dos seus companheiros eram portuguezes e d'estes tres bracarenses.

A festa constará de Missa cantada com exposição do SS. e de tarde Sermão.

EXPEDIENTE

O escriptorio d'administração d'este jornal é na typographia Luzitana n.º 3, rua Nova, para onde devem ser remetidas as assignaturas e seus pagamentos. Tudo o que diz respeito á redacção deve ser remetido para casa do redactor — rua de D. Pedro V n.º 13.

O correspondente do Futuro em Guimarães, é o proprietario da Livraria International o Illm.º Sr. José Antonio Teixeira de Freitas, a quem deve ser solicitado o importe das assignaturas d'aquella localidade, e de mais assignaturas a quem convier.

ANNUNCIOS

Novidade em biscoutos. — A boa sociedade de Londres, adoptou actualmente para offerecer, juntos com o chá, ás suas visitas, os Biscoutos de Revalésiere, fabricados na casa de De Bary & C.ª de Londres; esta casa annuncia a chegada a Lisboa de algumas caixas d'este novo artigo de consumo, cujo deposito central é no argo do Corpo Santo n.º 16.

A fim de se conservarem em todos os climas, estes biscoutos são fabricados sem manteiga, nem leite, e nem ovos, o que os torna um pouco mais rijos que os ordinarios, mas evita o ranço a que estes estão sujeitos; desfrem-se rapidamente na bocca e comem-se, secos ou molhados em agua, em leite, em café, em chocoalate, em chá, em vinho, etc. Refrigeram a bocca e o estomago, tiram as nauseas e os vomitos, quer da gravidez, quer do enjoo do mar, assim como toda e qualquer irritação e cheiro da febre, ou depois de refeições compromettedoras que tenham cebolla, alho, etc., ou bebidas alcoolicas, e depois de fumar. Conciliam o sono, abrem o appetite e facilitam a digestão, e são mais nutritivos que a carne, purificam o sangue, tornam as carnes mais macias e fortificam as pessoas ainda as mais fracas. Para as pessoas que viajam e que não têm cozinha são inestimaveis. Em caixas de 1 lb. 800 réis; de 2 lb. 15400 réis; de 5 lb. 35200 réis.

Chocoalate de Revalésiere. Dez vezes mais nutritive que o chocoalate ordinario, este delicado alimento purifica o sangue, fortifica e tranqüilisa os nervos e o cerebro e enrija as carnes. Purificando, por meio de machinas especiaes, de todas as particulas irritantes do cacáo, este chocoalate é util ás pessoas as mais debilitadas e ás creanças de complexões, ção fraca; abre o appetite, facilita a digestão e o sono, e refreza os mais effraticados, ainda aquelles que não podem digerir o chocoalate.

Curacion núm. 76.448. — Verdun (França), 16 enero 1872.

Padecia desde cinco annos de dores do estomago em consequência de males digestivos, etc.: não duvido certificar que o Revalésiere Chocoalate me salvou a vida. — Ernest Callé, Músico do 63 Regimento de linha.

Em pó, em caixas de 12 chavenas, 500 réis; de 24 chavenas, 800 réis; de 38 chavenas, 13400 réis; de 120 chavenas 35200 réis, ou 25 réis por chavena.



CONTRA ANNUNCIO Domingos José Ferreira Guimarães, da Povoia de Lanhoso, faz publico, que no dia 18 do corrente estabeleceu um carro diario a sair da Povoia de Lanhoso ás 7 horas da manhã e chega a Braga ás 10 e sae de Braga ás 3 horas da tarde. Os bilhetes vendem-se em Braga em casa de Domingos Alves Pereira, da Porta do Souto n.º 1, e na Povoia em casa do annunciante. Preços: De Braga ao Feitor e vice-versa fora 80 Covellas 100 Pinheiro 200

Table with 2 columns: Location and Price. Includes entries for Povoia, Feitor a Covellas, ao Pinheiro, a Povoia, Pinheiro a Povoia, and N. B. Os lugares para o caminho...

(a-133) Domingos José Ferreira Guimarães.

BRADOS D'ALMA

Acaba de sair á luz este interessante livro, que o auctor dedica á memoria de seu mestre e amigo o finado dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu, e que consta de breves dissertações sobre assuntos de religião, physophia e litteratura. Vende-se em Lisboa—Livraria do sr. Lavado, na rua Augusta—Porto, Livraria de Jacintho A. Pereira da Silva—rua do Almada—Coimbra—Livraria de José de Mesquita, rua das Covas—Braga—Livraria Catholica, rua do Souto; e Typographia Luzitana, rua Nova n.º 3, e Villa do Conde—redacção do 'Correio do Ave', rua Nova n.º 99. Preço 500 réis.

A MAÇONARIA DESMASCARADA

Esta interessante obra, a melhor que se tem publicado para conhecer os fins da maçonaria e os males que ella tem causado á sociedade, é um volume de 280 a 300 paginas, e achá-se á venda nas principaes livrarias de Lisboa e Porto e nas principaes livrarias do reino e Brazil. Em Braga na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39, e em Guimarães na International, Editora, a S. Damazo n.º 89 e 91. Preço edição superior 500 Inferior 300

BIOGRAPHIA

SUMMO PONTIFICE PIO IX. Extrahida do Periodico La Stella TRADUZIDA POR J. A. V. S.

Vende-se em Braga na rua Nova de Sousa n.º 3—E, e nas livrarias, Catholica, rua do Souto, Germano, Bracarense e Chardron. No Porto Lisboa e principaes terras. Preço: 120 rs.

LIVRARIA

EUGENIO CHARDRON. Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 13400 - Genio do Christianis: 13500. Cardinal Wassermann - Fabiola ou a Igreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. 16500. Roquette - Sermões em honra de N. Senhora, 1 vol. 4200. Roquette - Homelias e Sermões. 16800. Guitols - Explicação litteral e moral das Epistolas e evangelhos, 2 vol. 43800. Venillot - Vida de Jesus Christo 4. 400. Padre Marchal - A mulher como deveria ser-o, 1 vol. 400. Padre Gaume - Onde estamos? 1 vol. 500. Vozes propheticas, ou Apparicões e predicações etc., tracção do Rvd.º P.º Marnoco, 1. vol. 250. Todos estes livros são remetidos francos pelo correio.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA

Por Carlos José Caldeira. Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro Irmão. Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia — Estudante em Sernache do Bomjardim — Administrando os negocios publicos na terra do seu nascimento — Estudante na Universidade — Secretario do bispo de Braga — Deão e vigario geral em Leiria — Superior do collegio das Missões — Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior — Crise no collegio das Missões Ultramarinas — Bispo eleito e confirmado de

Macau—Sagração do bispo d'Angra—Character do bispo d'Angra. Tem um aditamento dividido em 4 capitulos com as rubricas: Analyse do relatório que procede o decreto de 21 de setembro de 1870 (que reorganizou o seminario de Macau) — Analyse do mesmo decreto — Efectos do novo regulamento do Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua do Ouro; Catholica, rua dos capelistas; Mesquita, em Coimbra; Catholica no Porto, e nas principaes de Braga, Bragança, Leiria e Guimarães.

NOVA AGENCIA

DE NEGOCIOS FORENSES. Rua da Boa-Vista n.º 107 BRAGA. Antonio José Gonçalves, com 23 annos de pratica em negocios forenses, tendo sido repente do cartorio do Escrivão Faria, como tambem por diferentes vezes servido o cargo de Escrivão ajudante, achá-se hoje legalmente habilitado para exercer as funcções de sollicitador de causas na comarca de Braga. (d—12)

MILAGRE

E A CRITICA MODERNA. A IMMACULADA CONCEIÇÃO DE LOURDES. Opusculo offerecido á Associação Catholica Portuguesa PELO P.º José Joaquim S. Freitas.

O producto da venda d'este opusculo foi applicado e offerecido por seu auctor para as despezas do Monumento da Immaculada Conceição, que se está construindo no monte Sameiro, suburbios de Braga.

Vende-se em Braga em casa do sr. D. J. Vieira Machado, Praça Municipal (Campo dos Tourós), n.º 17, a quem se podem fazer as requisicões que os pertendentes quizerem; os sr. livreiros que desejarem porção, com dinheiro á vista, terão abatimento de 15 por cento. Nas livrarias Catholicas de Braga, Lisboa e Porto, e nas principaes terras do reino. Preço em broxura 100 com estampa da gruta. 160

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

OS SEUS PERSEGUIDORES. Crises principaes por que ha passado a Igreja—seus triumphos—castigos dos seus inimigos. POR D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

Vende-se em Lisboa, na Livraria Catholica, J. A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferrino, Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga, Livraria Catholica.—Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas, Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha.—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Mariano Machado. Preço 500 reis.

OS DIFFAMADORES DO CLERO CATHOLICO

PELO Abbade Townissoux Traduzido por A. M. Preço 200 rs. A venda na Livraria Internacional de Eugenio Chardron, Largo de S. Francisco n.º 4, Braga.

PORTUGAL

NA SUA DECADENCIA OBSERVAÇÕES POR Um Amigo da Patria. E DADO A LUZ POR L. F. de Castro Soromenho.

Vende-se por 120 em Lisboa na rua da Condessa n.º 58, 1.º andar.

AGENCIA EM MACAU

Caldeira & C.ª Tem estabelecimento na rua Central, n.º 28, aceita consignações, e incumbese de negocios nas repartições publicas e no foro judicial, e de transferencias de dinheiro entre Portugal, Macau, Hong-Kong e outros portos da China. Dão-se informações, em Lisboa, rua Augusta 95, e no Porto, rua da Fabrica, 27 a 31.